


# Centro Histórico de Cuiabá Patrimônio do Brasil

Organização e textos  
Claudio Quos Conte  
Marcus Vinícius De Lamonica Freire

 entrelinhas

Cuiabá, Mato Grosso, 2005





<b>Editora</b>	Maria Teresa Carrión Carracedo
<b>Finalização de arquivos</b>	Helton Bastos
<b>Capa e editoração</b>	Candida Bitencourt Haesbaert
<b>Revisão</b>	Cristina Campos
<b>Fotos</b>	Ênio Araújo; Arquivo da Subregional do Iphan/MT; Wagner Castro; Banco de Imagens C&C e Arquivo Noronha Santos - Iphan/RJ
<b>Fechamento de arquivos</b>	Ricardo Miguel Carrión Carracedo
<b>Digitalização de Imagens</b>	Maíke Vanni
<b>Produtores Culturais</b>	Nicélio Acácio e Daniela Lepinsk Romio
<b>Agradecimento</b>	Rede Cemat

Imagens da Capa:

Ilustração:

Prospecto da Vila do Bom Jesus de Cuiabá. Acervo do Museu Bocage, Portugal / Banco de Imagens C&C.

Foto:

Vista atual de Cuiabá, a partir da torre da Embratel.  
Fotógrafo: Wagner Castro; Montagem: Helton Bastos.  
Banco de Imagens C&C.

→  
Catedral e Praça da República.  
Acervo da Subregional  
do Iphan-MT

# Apresentação





Este Guia, elaborado com esmero na tradição das cartas dirigidas à população das cidades brasileiras que tiveram áreas tombadas pelo IPHAN, é importante publicação e rico documento para a história das representações do ambiente urbano de Cuiabá.

Claudio Conte pediu-me uma “apresentação”, que só faz sentido pela generosidade desse jovem historiador e diretor da subregional do IPHAN em Mato Grosso. É reconhecimento em demasia pelo que fiz entre 1983 e 1987 para o tombamento do Centro Histórico de Cuiabá.

Mas o pedido abriu meus arquivos da memória (para evocar Barbosa de Sá), lembrou-me companheiros e companheiras de viagem, como José Leme Galvão, Fernando Madeira, Belmira Finageiv, Dora Alcântara, Márcia Chuva, Helena Mendes dos Santos, Thereza Martha, que participaram direta e decisivamente do processo de tombamento. Pessoas, seres humanos que fazem, com sensibilidade e competência técnica,

a história da preservação do patrimônio histórico-multitemporal, multiétnico, multifacetado – desta parte mais central da América do Sul.

Durante anos convivemos, discutimos e cooperamos. Das vivências desses anos, carrego comigo boas lembranças, responsáveis em grande parte por meus trabalhos posteriores, na Universidade Federal de Mato Grosso e em outras instituições, particularmente a formulação de histórias urbanas de Cuiabá e de Mato Grosso coloniais. As pesquisas e textos que tenho produzido e em parte publicado sobre ambientes urbanos coloniais nesta parte, foram, são e serão muito marcados pelos combates visando ao tombamento do Centro Histórico de Cuiabá.

É que houve um tempo em que todos nós acreditávamos no que nos tinham ensinado: que os espaços edificados de Cuiabá e de Mato Grosso todo não tinham nenhum valor, não expressavam nada, nada documentavam. Filho

desse tempo, rompi com suas “verdades”, queimei meus navios, encarei o desconhecido, fiado em indícios de que não era assim. Não apenas eu, é claro. Muitos, e eu como eles.

Hoje, a percepção de vida urbana setecentista em Cuiabá e em Mato Grosso favorece pesquisas e textos inovadores, torna visíveis muitas práticas até a pouco ocultas nas histórias desta parte, tidas como definitivas.

Essas novas maneiras de ver complexificam nossas identidades, legitimam nossos saberes, provocam nossas curiosidades, estimulam nossas criações.

Por isso, hoje, o Centro Histórico da atual cidade de Cuiabá é patrimônio histórico nacional e objeto de preservação, nos níveis estadual e municipal.

Este Guia sintetiza aspectos fundamentais da história de nossa cidade. Será muito bom se chegar às mãos de muitas pessoas. Várias, diversas. Para ser discutido, aceito, repudiado. Mas visto, tocado, lido. Vivido. Pois assim é que é bom.

Desde agora, já é muito bom que Claudio e Marcus Vinícius o tenham feito e tão bem.



Carlos Alberto Rosa <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em História pela Universidade de São Paulo.

# Sumário

APRESENTAÇÃO .....	7
INTRODUÇÃO .....	15
A CIDADE .....	21
Breve histórico da cidade .....	23
Cronologia da cidade .....	26
Quadro demográfico do município e cidade de Cuiabá .....	27
A origem do nome .....	29
Igrejas cuiabanas .....	30
O CENTRO HISTÓRICO .....	37
Por que tombar .....	39
O tombamento do Centro Histórico .....	40
Arquitetura de terra crua .....	44
Estilos arquitetônicos .....	47
A PRESERVAÇÃO .....	51
A preservação e seus instrumentos .....	53
Como proceder para preservar .....	61
LEGISLAÇÃO E NORMATIZAÇÃO .....	65
Decreto Lei Nº 25. ....	67
Instrução Normativa do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico da Cidade de Cuiabá .....	73
FONTES .....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	94



Palácio da Instrução  
Catedral e Praça da República.  
Acervo do Arquivo Público do  
Estado de Mato Grosso, em Cuiabá/  
Banco de Imagens C&C.









Porta de entrada principal da Unidade de Atendimento  
Integrada do Cidadão – Ganha Tempo.  
Antigo Quartel da Força Pública. Praça Ipiranga.  
Foto: Wagner Castro/Banco de Imagens C&C.



# Introdução



O tombamento e conseqüente preservação do Centro Histórico de Cuiabá marca a cidade como bastião cultural no Brasil Central. A área tombada (ver mapa) guarda o patrimônio construído, remanescente dos séculos XVIII, XIX e XX, e mantém íntegro o traçado urbano colonial. O acervo ali localizado “conta” a história da formação da cidade – sendo, portanto, expressão cultural da capital mato-grossense. O espaço urbano e a arquitetura do Centro conferem a Cuiabá identidade e personalidade histórico-cultural.

Nos anos que se seguiram ao tombamento – vigente desde 1º de outubro de 1987, por meio de tombamento provisório da área, aprovado em definitivo pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em 19 de agosto de 1988, e homologado pelo Ministério da Cultura em 4 de novembro de 1992 –, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) atuou no sentido de preservar o Centro Histórico de Cuiabá, criando mecanismos de controle das intervenções nos imóveis do conjunto urbano e de orientação ao público e aprofundando parceria com a Prefeitura Municipal, especialmente através do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano (IPDU) e da Secretaria

de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (Smades), no trabalho de fiscalização. Assumindo essa proteção legal como encargo de parceria, avançamos e estamos, hoje, à frente de um novo Plano Diretor, onde a preservação do patrimônio cultural ressurgiu como um direito da cidadania e um dever da administração pública municipal. A normatização de proteção do Centro Histórico de Cuiabá constitui-se em um instrumento dentro do próprio Plano Diretor.

O tombamento do Centro Histórico de Cuiabá refere-se aos valores históricos e culturais presentes na área central da cidade, especialmente na área onde o arruamento da antiga Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá continua praticamente intacto, abrigando as diversas arquiteturas que, ao longo dos mais de 280 anos que registram a sua evolução urbana e cultural, convivem nessa estrutura urbana setecentista. Integrando e vivificando esse acervo, comparece o *modus vivendi e faciendi* cotidiano e tradicional dos cuiabanos – sua vida social e suas expressões de arte nos diversos campos como fundamento da permanência cultural.

Com o tombamento, passa-se a ter um importante instrumento para a preservação da memória de Cuiabá e do Centro-Oeste bra-

sileiro, na medida em que, legalmente, estão protegidas as edificações, os logradouros e a paisagem, que constituem o suporte físico para a cultura legada pelos cuiabanos deste e de tempos passados.

A área de tombamento é aquela por meio da qual pode-se compreender a formação do espaço constituído no século XVIII e consolidado no XIX, e que guarda o conjunto de artefatos – edifícios e espaços livres – compatíveis com a estrutura inicial do núcleo urbano.

Devido à principal ameaça à preservação do Centro Histórico de Cuiabá, isto é, a tendência para o crescimento vertical, na delimitação da poligonal de tombamento, procurou-se manter a área onde se concentra o maior número de edificações compatíveis com a estrutura antiga, constituindo, ainda, um organismo unitário; as edificações conflitantes distinguem-se como exceções mais ou menos evidentes.

A área de entorno (ver mapa) impõe-se como conseqüência da leitura do documento, pela conexão que mantém com a constituição do núcleo, mesmo abrangendo áreas que abriguem unidades arquitetônicas qualitativamente diferentes das incluídas na área de tombamento.

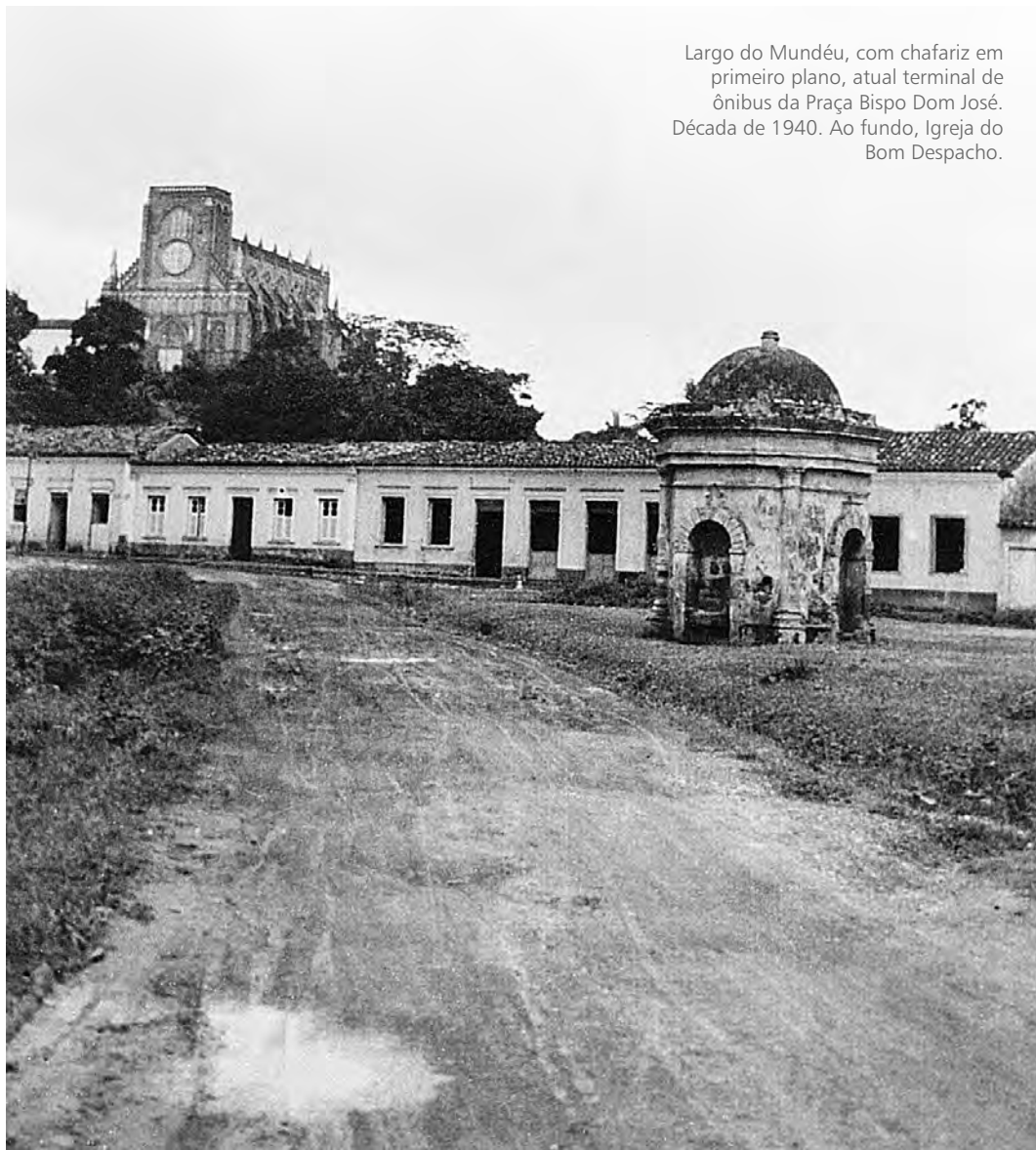
A noção de cidade, e mais especificamente de um Centro Histórico, compreende o corpo físico e social unidos entre si, isto é, a cidade entendida no seu sentido mais amplo como

cenário físico, população e atividades. Nessa perspectiva, o problema da preservação do Centro Histórico se transforma principalmente num problema social, porque o objeto a tutelar é também uma qualidade de vida e não somente uma forma a contemplar.

A presença do Iphan desde o início dos procedimentos visando ao tombamento do Centro Histórico de Cuiabá, apesar de reduzido em número de técnicos, sempre foi constante, buscando principalmente o trabalho conjunto com a Prefeitura Municipal. Por iniciativa da Prefeitura e da Subregional do Iphan, retomou-se a regulamentação da área de proteção pelo Decreto-Lei nº 25, com a perspectiva de sua inclusão no Plano Diretor da cidade. Por sua vez, uma comissão integrada por representantes de instituições públicas e privadas trabalha, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Cultura, na elaboração de um programa abrangente visando a revitalização do Centro Histórico.

O empenho do Iphan, como instituição federal, reforça a necessidade de a municipalidade consolidar-se como agente de promoção e da preservação da qualidade de vida, que passa pela preservação do patrimônio cultural. Uma política pública claramente determinada na salvaguarda dos bens culturais, como parte de sua estratégia, é a melhor forma de cumprimento dos desígnios dos governos comprometidos com a sociedade e com a democracia.

Largo do Mundéu, com chafariz em primeiro plano, atual terminal de ônibus da Praça Bispo Dom José. Década de 1940. Ao fundo, Igreja do Bom Despacho.



Arquivo Noronha Santos. Iphan/RJ